

A PRESSA DAS FOMES

Livro 87

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



DO OUTRO LADO

Do outro lado um vazio que, temporariamente, faço meu. Comunico solidão à mesma foto que há anos me acompanha. Sentado à mesa, vejo-me entre atores pendurados em seus trapézios, balões. No fundo o silêncio de palhaços decorativos que me fazem companhia. Várias histórias estão sem prestar atenção nas vozes que calo e falo, pendurado em tantas saudades familiares.



TÃO TARDE

Não é justo não se acostumar ao ritmo da natureza, mas me nego a longos descansos; quero esgotar-me, deixar entrar todo o ar que logro sequestrar da vida.

AR VICIADO

Prefiro o ar viciado, cansado de tantas tentativas, prefiro o café puro recém-colhido, a flor com raiz, a solução ao problema, prefiro a aversão escolhida à aceitação servil, prefiro mais a volta que a despedida, a emoção escancarada ao sentimento tolhido. Prefiro a insônia compartilhada ao sono desacompanhado, o orgulho à vergonha, a mão que acolhe à mão avara, o olhar que doa ao olhar que castiga. Prefiro a fantástica aventura imaginada que concede o direito ao amor à realidade que o proíbe.



DESPEDIDA

Com o gesto congelado, aquele que parecia ser o último antes daquela que seria a última despedida. Pisoteado por um rebanho de emoções descabidas para o momento, soavam como senhas reveladas já que a descontinuidade tomaria conta daqueles encontros,

até então, sigilosos. Não alcancei ouvir uma voz que parecia uma sombra, rogando-me para ficar. Desta vez as coisas se desenvolveram de outra forma, não haveria nada que apaziguasse meu coração ausente de esperanças. Fingi não haver ouvido aquela voz que pedia um pouco de amor e atenção, se existiria alguma possibilidade de salvar aquele amor. Restou um contrariado adeus, rompendo o silêncio alcancei sussurrar: Quem se outorga o direito de pôr fim a um grande amor? O fim, é quando ele acaba, conclui em lágrimas. Então, parti sem prometer nada.



CABE DESPERTAR

Cabe-me despertar sonhadores, convida-los à ação, governar seus pensamentos, sair da indiferença e rumar à pressa das fomes, das propiciadas injustiças.

ALTERNO

Alterno memória e amnésia.



TANTOS MENINOS

Sobrevivem em mim tantos meninos e tantas lembranças! Guardo restos de dores e de alegrias. Lembro que o melhor dia de aula era o último, e o pior das férias era o término. Eu envelhecia no lugar errado, não porque eram aulas ou férias, mas porque eu não podia escolher. A ida ao colégio atrapalhou a minha infância, interferiu na minha alegria e roubou tempo de convívio com meus irmãos e meus pais.

VAZO OFERTAS

Vazo oferta de velhos encontros familiares por todos os poros, enredando meus sonhos, memória que nunca descansa e sai à cata de bocas e ouvidos.



DECANTO PALAVRAS

Decanto palavras, reduzo-as à precisão para não desafinar as escutas, para abrir sorrisos, para sensibilizar contatos.



EXERCÍCIO SILENCIOSO

Um exercício silencioso guarda perguntas para as quais nunca consegui respostas.

DA MESMA MANEIRA

Não quero ser mais uma dessas pessoas que acham que o mundo começa e termina nos seus problemas narcisistas. Pouco me importa que lhes doa o umbigo, o bolso, a falta de silêncio, os descartes e as histórias que lhes chegam ao fim. Tenho minhas razões, e privo-me o direito de guardá-las.



DESABRIGOS

Trago a alma cansada de abrigar invernos.

DESPEÇO-ME DA DOR

Despeço-me da dor, me disponho a mudar, me dispo da pele arranhada, da ferida, do silêncio obrigado, da impaciência, da raiva engolida, do gasto e da gastura, do tamanho da mentira, da vergonha declarada e do ódio embutido. Poupo meus sentidos, dou as costas a quem não merece nem afrontas.



DEUSAS CASTAS

Só acredito em deusas castas, recatadas e preservadas sem ânsias de conquistas agressivas, sem necessidade de explorar os homens, plenas de motivações humanas motivem o mundo com naturais surpresas, solenes e favorecedoras insistam em verter raras sensibilidades que delas fluem suavemente agitadas.

ALMAS COLETORAS

Luto contra as distâncias, contra o instantâneo e o passageiro, contra os sustos. Gosto de sentir o solo onde piso, atos que confirmem palavras, segredos guardados, intimidades, causas, almas coletoras, amizades que perduram. Gosto das sensações espontâneas e francas, dos refúgios seguros e da pureza das ternuras.



DEFICITÁRIO

Variações, esses foram os vários envolvimento que tive na vida, com a arte, a música, a poesia, as pessoas, as ilusões partilhadas. Necesito de vacinas contra a fragmentação, que me exalte algum valor, sem os quais desolado vivo deficitário.

NÚMEROS, NÚMEROS

Números, números, números, mais frágeis do que as palavras, mais manipuláveis, mais disfarçados, inconvenientes, falsamente utilizáveis. Sempre contundentes, tentando provar o pior ou o melhor.



RESGATAR

Resgato Oblivi3n, o prazer sem pressa, Galeano, Benedetti, el Lado Oscuro del Coraz3n, palermo, assado simplemente asado, pippo, el pan de miga y aquele sebo de Corrientes que nos vendia livros ao orçamento de estudantes.



IMENSO TESOURO

Um imenso tesouro jaz à minha volta à espera de ser descoberto. Ocupo meus olhos inundados por insistentes supérfluos que tomam a frente daquilo que desejo ver. Roubam-me a paisagem, a estética e a importância de tantas coisas.

EVITO

Disfarces escondem as minhas penas. Desvio o olhar, que não as quer ver de frente, pois elas me preparam para entrar na decepção que evito.



DESPROVEÍDO

Desprovido de agilidade e de paciência, perco a prudência diante dos medíocres. Não sei evitar-lhes o meu solene desprezo. Gostaria de portar o perdão, a serenidade, mas entendo que as virtudes devam ser usadas com quem possa desfrutá-las: Os medíocres são tempo perdido.



TEMORES

Temo pessoas que adoram pegar sonhos e acabar com eles.

RESERVATÓRIO DE PACIÊNCIA

Um reservatório de paciência alterna-se com respostas involuntárias das iras conservadas. Perco a incômoda estabilidade fazendo declarações mal recebidas por coisas que nunca deveria haver dito.



CONQUISTAS

No mundo da competição, ao final tudo depende de quem tem a vantagem. Ao contrário, no mundo da cooperação tudo depende do mérito, da confiança conquistada.

DESAGRADÁVEIS

Evito o encontro com pessoas desagradáveis, pois elas me cobrem de maus humores, me passam um ranço, uma repulsa que me anima o afastamento. Mesmo quando riem seguem desagradáveis; mesmo quando dão lições disfarçam antipatias, seguem desagradáveis. Viciei-me em denunciá-los por risco de contágio, por serem transportadoras de ofensa, alimentadoras de mentiras. Essas pessoas são promotoras de desagrado, apropriadoras do desespero, da ameaça, do medo, e vivem de lançá-los. São aquelas que desde crianças vivem de dar sustos nos desprevenidos.



HOSPEDAGEM

Não posso hospedar os falsos. Para eles a delicadeza fica fora de questão. Com eles uso a indiferença e a maior omissão que consigo.

COM A CORDA TODA

Acordei com toda corda, em estado de sítio. Acelerando fundo, caminho para o fim do mundo, dirigindo sem habilitação e com ameaçadoras saudades me exigindo mudanças uma e outra vez.



OFF

Evito o off que não desliga e a palavra esvaziada, prefiro a declarada falta de senso ao falso incenso. Temo a destruição que se aproveita do furor silencioso ocultando guerras cotidianas, severas, intrometidas na vida cotidiana. Abomino discursos sem hospitalidade, sem códigos, disfarçados de anjos.

SAQUEIOS

Internalizo a tirania, hospitalidade que obriga abrigar, o consumo que desarraiga, não posso deixar de ser eu antes de sê-lo. Não posso saquear minha identidade, abrir mão do alimento para substituí-lo por dietas decadentes, pobres em gente, escassas em abraços.



QUEIXAS

Quando começo a me queixar, adorno a palavra escrita, misturo as histórias, os personagens, a religião com poesia, os provérbios com os aforismas, o verso com o prólogo e o espaço com a margem. Reduzo meus pensamentos em benefício da citação, reduzo descrições para atrair os que não amam os livros. Controlo tudo o que gostaria dizer atendo-me ao que convém.

NUNCA CONSIGO

Nunca consigo ficar quieto o tempo suficiente para ouvir repetidos argumentos vazios e sem sentido. Então, vejo a crítica circulando entre nós até eu ficar solitário no meio de um monólogo, falando para as paredes, pois a atenção do meu interlocutor sempre vai antes dele.



MIUDEZAS

De preferência, não especulo miudezas, elas são ruidosas, doem demasiado, sem retorno, não nascem outra vez. São acontecidos imutáveis, perturbam silêncios, roubam descansos, comparecem sem convite, sem aviso instalam indevidas comoções.

VOZ ANTIGA

Exclamo, com surpresa, entusiasmado, toda vez que ouço uma voz antiga portadora de uma esperança retomada, feito os segredos arcanos plantando novos frutos. Torno atual uma próspera capacidade de restituir um caminho. Favorável a essa interiorização, nem sempre posso menear esses negócios temporais ao meu sabor.



ACERTO

Dou liberdade à minha vontade de surpreender. Ao perder a obrigação do acerto eterno, cedi lugar ao uso dos movimentos e das oportunidades, otimizando o gesto e aproveitando a eficiência de dar e receber. Abro minhas fronteiras com o propósito de celebrar a propriedade da tolerância. Aproveito a oportunidade para uma reflexão de como posso diminuir a presunção.

RUIDOS

Ruídos ininterruptos fazem a festa, para que eu os note, me importunam, não me querem adiando com essa minha eterna mania de fingir que não é comigo. Trata-se do que eu sonho. Nenhum sonho me chega silencioso, eles passeiam com metas, circulam por rumos desconhecidos, desafiam minha capacidade de ter paciência diante da incredulidade dos que me cercam mesmo sabendo que não lhes alcança pensar o que antecipo.



PASSO A VIDA

Passo a vida interrogando paredes, e as caladas paredes às vezes falam. O que importa não é quem diz, mas quem se comunica melhor. E quanto a isto, as paredes são insuperáveis. Tudo o que elas dizem atraindo, convencem, são sérias testemunhas remontam o momento de cada acontecimento estendendo-se a um passado sem o uso da imaginação que oficializa as versões não acontecidas. Fiéis, sabem da dificuldade de narrar o imaterial.

LER NO ESCURO

Dissimulo, sigo fazendo as coisas como sempre. Carrego medos cúmplices, deixando para trás as vozes que não me interessam.



SANTO TRABALHO

O entusiasmo que brotava do meu sorriso havia contagiado a todos. Criando uma atmosfera decididamente útil garantir, distribuir as tarefas. Autorizei amores extras, denunciei ódios inúteis, considerei a luta de poder como excessiva e desnecessária. Nomeei o Capital Humano como moeda, eliminei os exércitos, proibi a aproximação ao dinheiro e aos bens públicos. No sétimo dia sonhei que reinventava a humanidade e as virtudes.

ANTIGO FEITIÇO

Converti-me em um homem hermeticamente fechado na unidade da minha consciência. Volta e meia convoco a solidão, que me dá a paz necessária ao costume de pensar quem sou, o que penso, de que necessito. Acostumo-me, desse modo, às sombras acolhedoras, ao sorriso amigo, à sensação de estar cumprindo o que me cabe. Leio, escrevo e converso com vivos e mortos, acendo luzes na memória, me esforço para encontrar um talento que se esconde toda vez que entro a procurá-lo como antigo feitiço.



OS VENTOS

Cabeceio o cansaço dos velhos, medito, evito os refúgios, os mentirosos e as mentiras, as sombras excessivas, a pressa que rouba tempo dos tempos, o bem clandestino que protege os injustiçados; odeio as guerras, os exércitos e o terrorismo de Estado, a manipulação da informação e o uso dos inocentes. Evito praças sem árvores, extremistas sem escrúpulos, políticos e invasores, arrogantes e onipotentes.

FALAR DE MIM

Não voltarei a falar de mim. Falarei da mulher que falava de uma infinita espera, de um homem caminhando apoiado nos joelhos, de dois corpos deitados avisando que dali não se poderia passar.



CONCILIADOR

Busco um conciliador que leia perpétuos conflitos, que elimine ritos inúteis, que avise dos perigos, que autorize a paz e alimente o sol, a luz, e nos deixe viver.

Roberto Curi Hallal

